

INTELECTUAIS E CULTURAS POLÍTICAS EM *PUNTO DE VISTA* (1978-2008)

Raphael Nunes Nicoletti Sebrian¹

Resumo: Uma das mais importantes revistas culturais da Argentina no século XX e uma das mais significativas publicações latino-americanas desse tipo na segunda metade do século passado, **Punto de Vista**, publicada entre 1978 e 2008, desenvolveu, durante a sua circulação, um projeto de crítica política da cultura atento à crítica cultural e literária, à produção ensaística e em periódicos, aos saberes e aos debates específicos como os da Psicologia/Psicanálise e da Arquitetura e aos outros objetos da cultura como as artes plásticas, o cinema, a fotografia, a música, os meios de comunicação e a indústria cultural. A revista também problematizou a atuação dos intelectuais enquanto intérpretes da cultura e da política diante dos desafios e das transformações locais e internacionais dos anos 1970 em diante. Pretende-se, neste estudo, analisar a preocupação do periódico em avaliar e problematizar a atuação em sociedade de indivíduos e de grupos voltados à produção de interpretações em diversas áreas do conhecimento, bem como discutir a atenção conferida pela publicação aos sujeitos envolvidos com a crítica ao *status quo* e com a participação política em sentido mais estrito, aquela efetivada nas ações públicas de intervenção em debates e em causas relevantes. Nesse sentido, os intelectuais e as culturas políticas, especialmente os da Argentina e em alguma medida os da América Latina e de outras regiões, não escaparam à revista como objetos. Intenta-se explicitar como houve em **Punto de Vista** tanto um esforço para a compreensão desses problemas quanto um posicionamento gradativo da revista em relação ao conjunto de argumentos disponíveis e em discussão em sociedade, constituindo-se paulatinamente uma leitura dos agrupamentos e dos intelectuais de esquerda no que tange às suas vinculações com uma cultura política plural na Argentina.

Palavras-chave: Intelectuais. Cultura política. Punto de Vista. História da Argentina.

Punto de Vista, revista publicada entre 1978 e 2008 na Argentina, foi um periódico diversificado e complexo. Uma das mais importantes revistas culturais da Argentina no século XX e uma das mais significativas publicações latino-americanas desse tipo na segunda metade do século passado, a revista desenvolveu, durante a sua circulação, um projeto de crítica política da cultura atento à crítica cultural e literária, à produção ensaística e em periódicos, aos saberes e aos debates específicos como os da Psicologia/Psicanálise e da Arquitetura e aos outros objetos da cultura como as artes plásticas, o cinema, a fotografia, a música, os meios de comunicação e a indústria cultural.² A crítica desenvolvida pela publicação não se esgotou, contudo, nas avaliações acerca desses objetos sumariamente indicados. Em termos mais precisos, houve outros eixos de atuação do periódico criado em 1978 que merecem destaque e adequada avaliação.

¹ Doutor em História Social (USP). Professor Adjunto de História da América na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). E-mail: rsebrian@gmail.com. Apoio: FAPEMIG.

² Uma interpretação do projeto de crítica política da cultura desenvolvido em **Punto de Vista** bem como de outros aspectos da publicação foi apresentada em Sebrian (2016).

Enquanto resultado de um coletivo de intelectuais reunido nos anos 1970, **Punto de Vista**³ foi uma publicação marcada, desde o início, pela preocupação em avaliar e problematizar a atuação em sociedade de indivíduos e de grupos voltados à produção de interpretações em diversas áreas do conhecimento e pela atenção aos sujeitos envolvidos com a crítica ao *status quo* e com a participação política em sentido mais estrito, aquela efetivada nas ações públicas de intervenção em debates e em causas relevantes. Nesse sentido, não escaparam à revista, como objetos, os intelectuais e as culturas políticas, especialmente os da Argentina e em alguma medida os da América Latina e de outras regiões. Considerando essas características do periódico, pretende-se, a seguir, analisar brevemente tais preocupações da publicação e intenta-se explicitar como houve em **Punto de Vista** tanto um esforço para a compreensão desses problemas quanto um posicionamento gradativo da revista em relação ao conjunto de argumentos disponíveis e em discussão em sociedade, constituindo-se paulatinamente uma leitura dos agrupamentos e dos intelectuais de esquerda no que tange às suas vinculações com uma cultura política plural na Argentina.

Por se tratar de uma revista que existiu ao longo de trinta anos, muitas transformações na Argentina e no mundo se efetivaram durante a trajetória de **Punto de Vista**: a publicação começou a circular em uma época na qual ainda havia certezas e/ou utopias que, no encerramento do projeto, em 2008, não mais existiam ou se encontravam demasiado fraturadas. Nos anos 1970, por exemplo, principalmente entre as esquerdas, a convicção a respeito da importância da atuação pública e política dos intelectuais era ampla, ao passo que na década de 2000 o momento foi considerado de crise da representatividade social, cultural e política dos intelectuais. As esquerdas também se desenvolveram nos anos setenta de maneira plural, mesmo diante de governos autoritários, estimulando projetos político-culturais vinculados a culturas políticas que viriam a ser proscritas ou estariam muito enfraquecidas a partir dos anos 1990. Por sua vez, o peronismo, que em 1978 vivenciava uma crise profunda advinda do fracasso do governo de Isabel Perón e da perseguição da ditadura aos seus diversos grupos, armados ou não, a partir de fins dos anos 1980 se reestruturou – para alguns, se recriou – com a ascensão de Menem e se reinventou nos anos 2000 com Kirchner no poder.

³ Optou-se por grafar os títulos dos periódicos em negrito, para diferenciá-los dos títulos dos livros.

No que se refere aos intelectuais, diversos especialistas têm se dedicado há décadas, não somente na Argentina, ao estudo da história de indivíduos, de grupos, de publicações, procurando compreender relações, tensões, confrontos, sociabilidades, debates, polêmicas, interpretações e outros aspectos, em prol da atribuição de sentidos às ações empreendidas e às ideias formuladas. E em um país no qual, conforme asseverou a historiadora Diana Quattrocchi-Woisson, é problemático “estabelecer uma cronologia intelectual independente da história política” (QUATTROCCHI-WOISSON, 2003, p. 91, tradução nossa), é indispensável perscrutar as particularidades das leituras produzidas por **Punto de Vista** acerca das ideias e de seus produtores e difusores tendo em pauta as relações de aproximação e de tensão política e social.

Aliás, a reflexão dos intelectuais a propósito de sua própria atuação se tornou muito comum a partir da década de 1960, como evidenciaram, entre tantas outras obras, o livro de François Dosse, *La marcha de las ideas* (2006), e a coletânea em dois volumes *Historia de los intelectuales en América Latina*, dirigida por Carlos Altamirano. Nas décadas de 1980 e de 1990, apesar do enfraquecimento da noção sartreana de compromisso, tais esforços analíticos ainda levaram em consideração a *práxis* política e incluíram os debates a respeito da desagregação da União Soviética e da crise das ideias socialistas e comunistas. Naqueles anos, na América Latina, essa reflexão tinha especificidades frente às ditaduras que ainda existiam ou que deixavam de existir. Na Argentina, os debates se especificaram no que concerne à releitura das trajetórias coletivas e individuais da nova esquerda nos anos 1960 e 1970 e também no que tange a uma crítica do peronismo, como observaram diferentes intérpretes, entre eles Roxana Patiño (1998; 2003).

As ditaduras iniciadas na Argentina nos anos sessenta e setenta, por meio da repressão e da censura, da desmontagem das universidades, da perseguição individual e/ou coletiva, desestabilizaram os âmbitos de produção e de circulação de ideias no país. Significativa parcela dos intelectuais (e também dos artistas) argentinos consolidados ou em formação se exilou, principalmente com o início do *Proceso*, e a redemocratização a partir de 1983 não foi capaz de reestabelecer os espaços de forma pujante em todas as situações ou, em muitos casos, não foi possível criar as estruturas elementares para o desenvolvimento da pesquisa e do ensino em universidades e/ou em instituições diversas, o que resultou em fraturas nos grupos e nos espaços de produção e de atuação política e cultural.

Diante da desestruturação das atividades intelectuais nos anos 1960 e 1970 e da recuperação somente parcial dos âmbitos e dos grandes temas de reflexão desde a década de 1980, **Punto de Vista** se dedicou a analisar o processo e publicou mais de 80 textos nos quais se pode encontrar considerações relativas à história dos intelectuais e/ou às necessidades de sua atuação no presente de uma Argentina em processo de redemocratização. Observados mais amplamente os textos nos quais foram discutidos os autores, as ideias, as obras e o pensamento sobre a América Latina e a Argentina, ou seja, os textos em que os intelectuais e sua atuação não são objetos diretos, mas indiretos, esse número ultrapassa 300 textos. Há que se pensar as características dessa contribuição do periódico, tendo vista que, conforme indicou José Luis De Diego, apesar das inúmeras críticas (desde pelo menos o início dos anos oitenta) às noções de intelectual revolucionário, de intelectual comprometido e de escritor comprometido, foram necessários alguns anos de democracia na Argentina “para que esta transformação [...] [começasse] a se delinear mais sistematicamente e a se explicitar em debates e polêmicas no interior do campo intelectual.” (DE DIEGO, 2007, p. 63, tradução nossa)

As esquerdas, por seu turno, também se tornaram em várias partes do mundo objeto de interpretação a partir dos anos 1980 e especialmente desde os anos 1990, com a crise do chamado “socialismo real”. Mais do que tentar recuperar lacunar e simplificada uma bibliografia bastante extensa a respeito – em que se destaca uma reflexão ampla e em escala mundial, vide o livro organizado por Robin Blackburn (1992) –, importa ressaltar provisoriamente que na Argentina esses debates e releituras em tom de autocrítica começaram a aparecer ainda na década de oitenta, mas no decênio seguinte, mesmo articulados às reflexões internacionais, ainda não eram suficientemente disseminados. Nesse sentido, Carlos Altamirano, na entrevista a Javier Trímboli (1998, p. 25), afirmou que até aquele momento (fins da década de 1990) não teria acontecido na América Latina uma discussão aprofundada sobre a queda dos países do “socialismo real”, ao menos não uma comparável à oferecida por autores como Eric Hobsbawm em livros como *A era dos extremos*.

Para Altamirano, tal discussão deveria acontecer, mas ele se questionava à época se havia condições para que o debate ocorresse entre os latino-americanos e os argentinos, os quais ou se teriam esquivado da problematização de temas como o estalinismo ou procurariam associar a suposta crise a uma nova fase de mobilização das massas. Em que

pesem a avaliação de Altamirano e as eventuais limitações no cenário de reflexão e de (auto)crítica, alguns debates de fato aconteceram e um dos vetores dessas discussões na Argentina foi **Punto de Vista**. A revista e outros grupos e espaços de discussão permitiram que De Diego, uma década depois do diagnóstico pessimista de Altamirano, sintetizasse da seguinte maneira as pautas fundamentais dos debates intelectuais desenvolvidos na Argentina a partir da redemocratização:

[...] A revisão das versões dogmáticas e populistas da esquerda – frequentemente caracterizada por um tom autocrítico –, a revalorização da democracia e sua possível conciliação com o socialismo e uma distribuição mais justa dos recursos, a centralidade da defesa do Estado de direito e da vigência dos direitos humanos, a ríspida discussão sobre as responsabilidades “dos que se foram” e “dos que ficaram” foram os eixos centrais desse debate que, em muitas de suas conflitivas facetas, ainda não terminou. (DE DIEGO, 2010, p. 415-416, tradução nossa)

Punto de Vista foi, enfim, um dos *loci* de reflexão sobre esses temas no país, tendo publicado, além dos artigos nos quais havia questionamentos atinentes aos intelectuais e à sua atuação, outros materiais acerca das tradições socialista e comunista, das interpretações dos grupos e das ideias nos anos 1960 e 1970 e dos desafios das esquerdas frente à redemocratização. Obviamente, houve nesses textos tanto um esforço para a compreensão desses problemas quanto um posicionamento gradativo da revista em relação ao conjunto de argumentos disponíveis e em discussão em sociedade, constituindo-se paulatinamente uma leitura específica dos agrupamentos e dos intelectuais de esquerda no que tange às suas relações com uma cultura política específica e plural na Argentina, o peronismo, que também teve setores de esquerda e inclusive de esquerda armada, como Montoneros. Alguns dos principais intérpretes da nova esquerda argentina, entre eles María Cristina Tortti (2007; 2014), consideram as ideias e os grupos peronistas de esquerda nos sessenta e nos setenta parte da multifacetada nova esquerda e parece mais adequado proceder, sempre que possível, incorporando a sugestão de José Luis de Diego relativa ao período entre as décadas de 1950 e 1970: “[...] não é simples *isolar* o objeto ‘esquerda’, e é necessário considerar esse objeto em permanente interação com aqueles com os quais se associa ou se enfrenta.” (DE DIEGO, 2010, p. 396, tradução nossa, destaque no original) Trata-se, pois, de considerar a esquerda como objeto no periódico não somente porque a revisão do passado dos agrupamentos estava

em pauta, mas também porque se intentava discutir o presente e as perspectivas de futuro das culturas políticas.

A produção de **Punto de Vista** a respeito das esquerdas na Argentina, na América Latina e mesmo em outras partes do mundo se verificou de maneira mais específica em cerca de 110 textos, ainda que se possa extrapolar esse número, como em outros casos, para um número próximo a 200 textos, tendo em vista a já assinalada complexidade temática e analítica de muitos textos publicados na revista, característica da publicação, conforme também discorreram Plotkin e González Leandri (2000). Ademais, em virtude dos esforços da revista de Sarlo e de Altamirano para reorganizar argumentos e ideias da esquerda na Argentina a partir da redemocratização, o conjunto de reflexões relativas aos variados grupos de esquerda se integra à construção de um posicionamento específico de esquerda do coletivo intelectual de **Punto de Vista**, ao mesmo tempo vinculado e afastado das tradições às quais os intelectuais da revista haviam pertencido nos anos 1960 e 1970 e indissociável das discussões alusivas aos intelectuais. Tal posição específica de **Punto de Vista** tanto em relação à esquerda de orientação marxista quanto à tradição peronista, assinalada brevemente por Patiño (1998; 2003) e reforçada *en passant* por Plotkin e González Leandri (2000, p. 223), carece de análise mais detalhada, principalmente avaliando em mais detalhes os anos 1990 e 2000, o que os autores citados não realizaram.

Considerando essas questões, é importante desenvolver uma reflexão a respeito da problematização proposta por **Punto de Vista** para a atuação dos intelectuais enquanto intérpretes da cultura e da política diante dos desafios e das transformações locais e internacionais dos anos 1970 em diante. Ter-se-á em conta, como parte dessa crítica dirigida aos intelectuais, a produção por meio da qual é possível perceber qual o tratamento conferido, por **Punto de Vista**, a alguns aspectos do pensamento histórico-social sobre a Argentina e a América Latina, em esforço contínuo de renovação das referências a partir de autores locais, regionais e internacionais, movimento também iniciado em **Los Libros**.⁴ A crítica sobre as identidades políticas e culturais foi realizada em **Punto de Vista** tanto em textos de crítica cultural e artística quanto em alguns especificamente dedicados a pensar a atuação dos

⁴ Conforme a interpretação construída e exposta detalhadamente em Sebrían (2016), **Punto de Vista** continua o projeto crítico de **Los Libros** em vários aspectos e se diferencia em outros.

intelectuais como sujeitos e/ou como objetos dessas interpretações, textos que interessam neste estudo.

Ademais, vale enfatizar, a crítica das culturas políticas foi também desenvolvida em **Punto de Vista** como fundamento da atuação dos intelectuais. E, como disse Carlos Altamirano na entrevista a Trímboli (1998, p. 26), dividir as culturas políticas e as forças políticas na Argentina entre esquerda e direita não é tarefa simples e na maioria dos casos também não é produtora: “o esquema esquerda-direita não foi nunca um esquema adequado para interpretar a divisão política na Argentina.” (tradução nossa) Isso não significa, para Altamirano, abandonar a possibilidade de refletir sobre a esquerda na Argentina, mas, antes, implica incorporar a discussão da possibilidade da esquerda se autodefinir enquanto tal, percurso empreendido por **Punto de Vista**. Trata-se, enfim, de uma reflexão a respeito de culturas políticas complexas e que tendem a resistir a generalizações e a simplificações interpretativas.⁵

Antes de prosseguir, cabe mais um destaque. Os editoriais e textos coletivos (não tão abundantes em **Punto de Vista** quando se compara a revista com outras de perfil parecido ou publicadas com relevância na Argentina e na América Latina) foram destinados de modo expressivo às discussões sobre intelectuais, esquerda e peronismo. Conforme a interpretação que aqui se propõe, tal aspecto assinala uma particularidade do projeto da publicação: nos temas e objetos como esses, “colados” à temporalidade curta, ao presente, aos desdobramentos das polêmicas no cotidiano e nas experiências sociais, políticas, econômicas e culturais (mais distantes do universo da cultura letrada e intelectual), a revista optou diversas vezes por debater seus pontos de vista nos editoriais e nas manifestações coletivas breves, nos textos de síntese e nos manifestos. Em suma, são textos sem a possibilidade de

⁵ Cabe esclarecer que se concorda neste estudo com a definição de cultura política oferecida pelo historiador francês Serge Berstein no ensaio “Culturas políticas e historiografia”: “Os historiadores entendem por cultura política um grupo de representações, portadoras de normas e valores, que constituem a identidade das grandes famílias políticas e que vão muito além da noção reducionista de partido político. Pode-se concebê-la como uma visão global do mundo e de sua evolução, do lugar que aí ocupa o homem e, também, da própria natureza dos problemas relativos ao poder, visão que é partilhada por um grupo importante da sociedade num dado país e num dado momento de sua história. Jean-François Sirinelli (1992) propôs considerá-la ‘uma espécie de código e (...) um conjunto de referências, formalizados no seio de um partido ou mais largamente difundidos no seio de uma família ou de uma tradição política.’” (BERSTEIN, 2009, p. 31) Ou seja, neste estudo, quando as esquerdas, o peronismo e a democracia argentinos são identificados como culturas políticas, o serão em concordância com a definição conceitual aqui reproduzida, mesmo que o próprio Berstein advirta para a eventual necessidade de adequar os fundamentos da definição aos fenômenos analisados, o que, evidentemente, se pretende realizar quando necessário.

concentrar meditações mais detidas, mas, por sua vez, dotados de sintaxe propositalmente contundente e impactante que os artigos e os ensaios mais aprofundados não apresentavam. Isso aconteceu menos vezes em relação aos demais objetos abordados em **Punto de Vista**, apesar de haver alguns editoriais muito relevantes para aquelas discussões, especialmente o publicado no número 12, de julho de 1981.

Foram veiculados em **Punto de Vista** aproximadamente 40 editoriais e outros tipos de textos coletivos elaborados pelo Conselho de Direção ou por alguns de seus membros – os editoriais, especificamente, foram 14, com características e objetivos variados, mas com relevância nas edições em que apareceram e com importante ênfase nas discussões políticas.⁶ Para uma revista que circulou durante trinta anos, o número é pequeno; o uso desse tipo de expediente editorial, contudo, se deu com a finalidade de destacar proposições relevantes para o projeto de crítica do periódico ou de comentar transformações significativas na sociedade argentina. Portanto, ainda que em quantidade restrita, são textos indispensáveis para a compreensão de algumas avaliações e interpretações.

Os intelectuais, as suas ideias e a sua atuação pública na Argentina, na América Latina e em outras regiões haviam sido interpretados inúmeras vezes na revista **Los Libros**, entre os anos de 1969 e 1976. Antes disso, outras revistas argentinas haviam se ocupado dos intelectuais enquanto objeto de investigação desde os anos 1950, como é o caso de **Contorno**, que se esforçou para analisar o cenário do pensamento argentino frente ao peronismo. Em **Los Libros**, no início da década de 1970, o propósito era diferente do de **Contorno**: tratava-se de pensar, primeiro, acerca de políticas para a cultura e, depois, de atuar em prol da primazia da política (DE DIEGO, 2010, p. 412), expressando, por vezes, posicionamentos próximos de posturas do anti-intelectualismo característico de alguns grupos da esquerda argentina nos anos 1970, como explicou De Diego (2000).

Punto de Vista recuperou os intelectuais e as suas práticas tomando-os como objetos, mas havia entre as duas revistas (aquela fechada em 1976, **Los Libros**, e a outra aberta em 1978), a despeito das continuidades, várias diferenças nos projetos editoriais e inúmeras transformações profundas na sociedade argentina que afetaram a produção, a circulação e a reflexão sobre as ideias e que necessariamente interessaram aos intelectuais, de modo a alterar

⁶ Houve, é claro, a publicação de outros textos de autoria coletiva não elaborados pelo Conselho, como manifestos, além de artigos e de debates.

suas concepções, inclusive aquelas relativas à própria definição de atuação dos intelectuais. Havia se dado uma ditadura de proporções amplas e os efeitos diversos do *Proceso* praticamente impunham a Beatriz Sarlo, a Carlos Altamirano, a Ricardo Piglia, a María Teresa Gramuglio, a Hugo Vezzetti e a outros a necessidade de avaliar o que os intelectuais tinham realizado ou deixado de realizar antes e durante da ditadura. Nesse sentido, as referências, as convicções e os objetivos em **Punto de Vista** não poderiam ser, historicamente, os mesmos de **Los Libros**.

Depois dos textos publicados nos anos iniciais de **Punto de Vista** (principalmente entre 1978 e 1981), focados nas tradições e nas filiações a certos autores assim como nas interpretações elaboradas pelos intelectuais dos séculos XIX e XX a respeito de grandes debates da cultura, da política, do Estado e da nação – momento de expressiva presença na revista dos projetos de Sarlo e de Altamirano de releitura de diferentes tradições e de interpretação de objetos canônicos, aos moldes do trabalho que haviam desenvolvido no Centro Editor de América Latina –, os posicionamentos mais contundentes da revista atinentes aos intelectuais e ao seu lugar na história argentina, principalmente na história da nova democracia, apareceram no número 22 (de dezembro de 1984), em que foi divulgada a Declaração de princípios do Club de Cultura Socialista. Trata-se de um momento relevante, também, para as discussões relativas à esquerda.

Ainda que não seja possível, por conta das dimensões e dos propósitos deste estudo, detalhar a análise da documentação veiculada no periódico naquele momento, pode-se afirmar, a partir de um estudo mais detalhado⁷, que a conjuntura na qual ocorreram a criação do Club de Cultura Socialista e o ingresso de alguns intelectuais no Conselho de Direção de **Punto de Vista** foi para a publicação um momento de renovação e ao mesmo tempo de instabilidade. As pressões externas existiam e eram diversas, como no estabelecimento de um novo governo democrático (e na relação da revista com ele) e no encaminhamento de alguns dos intelectuais para as universidades. Entretanto, como ocorre às vezes, essas transformações externas ao periódico se imbricaram às demandas propriamente internas à publicação, motivando alterações temáticas e das sociabilidades fundantes do coletivo. O Club de Cultura Socialista, que existiria ainda por muitos anos, também se tornou um espaço de produção e de

⁷ Ver Sebrían (2016).

reverberação de polêmicas e de divergências, as quais, desde a segunda metade dos anos 1980 até o início dos anos 1990, resultaram na saída do grupo de **Punto de Vista** da revista **La Ciudad Futura** e no posterior afastamento de diversos membros do Conselho da revista dirigida por Sarlo do Club, motivando outros conflitos.

Era uma época que praticamente impunha à revista a premência de pensar sobre os intelectuais e o cenário que começava se configurar na época da fundação do Club de Cultura Socialista indicava a hegemonização da necessidade de se problematizar a atuação intelectual na Argentina (e mesmo na América Latina, afinal) em virtude da “questão democrática”. Portanto, aqui há uma indicação evidente de ruptura com as reflexões acerca dos intelectuais realizadas anteriormente, nos anos 1970, em **Los Libros** (e mais amplamente na nova esquerda argentina), ainda vinculadas à questão da revolução e alheias aos debates relativos à democracia. Os anos 1980 trouxeram pautas e demandas sociais, culturais e políticas que implicaram na mudança de perfil da atuação dos intelectuais. **Punto de Vista** estava atenta a essas alterações, como se pode perceber pela publicação, logo no primeiro texto do número 25 (de dezembro de 1985), do artigo “Intelectuales: ¿Escisión o mimesis?”, de Beatriz Sarlo, certamente o mais importante estudo atinente aos intelectuais até aquele momento no periódico. Na segunda metade da década de 1980, **Punto de Vista** se posicionou em relação às principais questões em pauta na dimensão pública argentina, principalmente aquelas concernentes à redemocratização.

Por sua vez, a primeira metade da década de 1990 representou para **Punto de Vista** não somente um período de início de reorientação temática e de priorização de outros objetos da cultura em relação àqueles interpretados nos anos 1970 e 1980, mas também uma circunstância de estabelecimento de diálogos políticos com grupos como os que fundaram a Frente Grande, de 1993, constituídos por lideranças oriundas do peronismo de esquerda dissidente do governo de Menem. Grupos que, em fins dos anos 1980, dividiram com intelectuais provenientes das esquerdas dos sessenta a experiência da revista **Controversia**, no exílio mexicano. Ou seja, em síntese, o coletivo de intelectuais nucleado na revista dirigida por Sarlo se reaproximava, por meio das ações e das reflexões relativas à Frente Grande – e depois à Alianza –, de outros intelectuais com os quais dialogou, direta ou indiretamente, nos anos 1980, nas revistas **Controversia**, **La Ciudad Futura** e **Unidos** e no Club de Cultura Socialista. A tradição seletiva de **Punto de Vista** nos 1990, ao mesmo tempo próxima e

distante dos grupos de esquerda dos quais a revista se originou, incorporava novos elementos e matrizes, combinados de uma forma possível apenas a partir da redemocratização e mesmo após a vitória e ascensão de Menem ao poder. Nesse cenário, a revista se esforçou para compreender, avaliar e oferecer caminhos a respeito da possível atuação dos intelectuais na Argentina em um momento de fragilização da esquerda no país, intelectual e politicamente.

Os debates especificamente associados aos intelectuais praticamente desapareceram de **Punto de Vista** após o número 51, restringindo-se nos anos seguintes às reflexões atinentes à atuação política de alguns indivíduos e principalmente às menções em discussões à política eleitoral e à cultura urbana, temática que cresceu de modo considerável na segunda metade dos anos 1990, cujos textos frequentemente mencionavam – como se evidenciou no capítulo anterior – a necessidade dos intelectuais intervirem nos debates sobre a cidade. Parece cabível afirmar que Sarlo – e com ela outros colaboradores centrais do periódico como Adrián Gorelik, Raúl Beceyro, Rafael Filippelli, o grupo que a acompanhou na saída do Club anos antes – se voltou a temas como os meios de comunicação, a indústria cultural, o cinema, a cultura urbana, assim como revisitou algumas discussões sobre literatura e crítica (tratando, por exemplo, das obras de Saer e de Chejfec). Eram temáticas e objetos – a literatura, a poesia, o teatro, as artes plásticas, o cinema, a arquitetura, entre outros – que **Punto de Vista** julgava importante discutir, “em uma época em que a questão estética perdeu seu caráter frente ao relativismo valorativo e ao protagonismo midiático”, como se afirmou no anteriormente comentado editorial do número 60 (de abril de 1998). Isso, somado à já mencionada diminuição gradativa da presença de Altamirano na revista, delineou um cenário em que a revista, fiel ao enunciado por Sarlo no artigo do número 50, buscava espaços de enunciação sobre a atividade intelectual basicamente ao tratar da arte e da ação pública e política – como se nota, por exemplo, no debate publicado no número 61 (de agosto de 1998) sobre política e ideias concernentes às eleições de 1997, à Alianza e à FREPASO, do qual participaram vários dos membros dos Conselhos de Direção e Assessor (Carlos Altamirano, Jorge Dotti, Adrián Gorelik, María Teresa Gramuglio, Hilda Sabato, Beatriz Sarlo, Oscar Terán e Hugo Vezzetti).

Nos anos 1990, indicaram intérpretes como Patiño (2003), teria havido na Argentina uma tendência à culturalização por vezes apolítica dos periódicos em geral (nos suplementos culturais, por exemplo), além de outros movimentos e transformações anteriormente

explicados. **Punto de Vista**, sobretudo na segunda metade da década de noventa, buscou uma renovação temática em sua crítica da cultura e diminuiu, deliberadamente ou não, a quantidade de textos voltados às discussões mais estritamente políticas. Ou seja, o periódico buscou se renovar nos noventa, mas isso o afetou internamente – e eventualmente externamente, em seu impacto, repercussão e circulação –, enfraquecendo os vínculos de alguns dos membros do Conselho com o projeto editorial. Nesse sentido, constatou-se que os intelectuais da revista viveram uma tensão em sua sociabilidade na década de poder menemista, pois buscaram manter os espaços públicos de atuação crítica – inclusive com envolvimento direto na política partidária –, tentaram não se desvencilhar dos grandes temas ou problemas de interesse mais geral na revista, mas também objetivaram renovar os objetos da publicação (com a ênfase na cultura urbana, por exemplo) e, além dos desentendimentos gerados, tornaram **Punto de Vista** certamente mais hermética, mais complexa e menos política para uma parcela de seus leitores menos especializada academicamente.

Depois disso, os intelectuais e as suas práticas voltaram a ocupar as páginas de **Punto de Vista** enquanto um objeto mais específico somente no número 70 (de agosto de 2001), mesmo que brevemente. Antes disso, no número 65 (de dezembro de 1999), houve uma expressão de atuação crítica pública, com a publicação de um diálogo/debate coletivo⁸ sobre os resultados das eleições e sobre a transição entre os séculos XX e XXI do qual participaram quase todos os integrantes dos Conselhos de Direção e Assessor. Em 2001, entretanto, a situação era bastante diversa daquela enfrentada em 1999 – quando ainda se avaliava com alguma esperança a vitória da Alianza, mas sem ilusões –, porque a crise havia se instaurado na Argentina e o país estava próximo do colapso, que viria em dezembro daquele ano.

Ainda abalada por esses movimentos e tensões que caracterizaram a primeira metade da década de 2000, de questionamentos vários acerca das características da sociedade e da política argentina que continuava a se transformar mediante a ascensão de Néstor Kirchner à presidência em maio de 2003, a revista publicou a sua menção mais significativa sobre os intelectuais no número 79 (de agosto de 2004), no qual foram divulgados o editorial “Un

⁸ A partir dos anos 1990 a revista continuou a publicar editoriais, mas também publicou cada vez mais debates/diálogos travados entre os membros dos Conselhos de Direção e Assessor. Ou seja, ao que parece, quando não era possível buscar consensos para a exposição de posicionamentos unívocos e mais coesos em editoriais, a publicação passou a delegar aos leitores a responsabilidade pela realização das sínteses a partir da avaliação das intervenções dos membros dos Conselhos, o que ajuda a confirmar a interpretação sobre a perda de organicidade do coletivo intelectual enunciada neste estudo.

nuevo colectivo intelectual” e as cartas de renúncia ao Conselho de Carlos Altamirano, de María Teresa Gramuglio e de Hilda Sabato. Trata-se de ocasião em que se tornaram completamente evidentes algumas das grandes tensões internas ao Conselho de Direção – como a interpretação proposta neste estudo vem enfatizando –, explicitando que essas tensões existiam há alguns anos.

Extrapolando-se a dinâmica interna ao coletivo intelectual da revista, as renúncias dos membros do Conselho de **Punto de Vista** podem ser lidas como um exemplo, também, daquilo que foi assinalado em termos gerais por Patiño (2003) a respeito da gradativa debilidade da articulação coletiva, na Argentina, da produção intelectual nos anos 1990 e 2000, resultante do enfraquecimento, da desarticulação e/ou do desaparecimento dos *loci* de discussão. Ou seja, como a própria publicação havia percebido, o intelectual crítico não chegou a desaparecer naqueles anos, mas as suas intervenções públicas se tornaram menos significativas em um cenário midiático diverso e os agrupamentos intelectuais enfrentaram tensões internas advindas de causas múltiplas, às vezes vinculadas às transformações políticas e culturais da sociedade argentina naqueles anos, outras vezes motivadas por crises internas aos coletivos e às sociabilidades.

De qualquer maneira, essa avaliação a respeito da perda de organização dos intelectuais na sociedade argentina se reforça quando se reaproxima o olhar de **Punto de Vista** após os episódios de 2004. Apesar de continuar existindo, o periódico não voltou mais, até a circulação do derradeiro número 90 (em abril de 2008), a publicar editoriais. Saíram apenas textos coletivos de homenagem a Susan Sontag e a Juan José Saer – autores mais importantes para Sarlo do que para os demais membros do Conselho à época – e se iniciou a publicação, no número 84 (de abril de 2006), da série “El juicio del siglo”, a qual nitidamente oferecia uma leitura retrospectiva do projeto realizado por **Punto de Vista** até aquele momento e, portanto, voltava-se mais à autocrítica do passado do que às projeções e experimentações críticas no futuro.

Portanto, essa outra dimensão do projeto crítico de **Punto de Vista**, aquela mais voltada aos debates dos intelectuais e da política na Argentina e na América Latina, revelou de que maneira o periódico se posicionou em relação a uma série de questões, de temas, de problemas, de polêmicas e de interpretações atinentes à política. Analisou os intelectuais, a esquerda, o peronismo, tendo sido capaz de produzir leituras relevantes a respeito de todos

esses objetos. Construiu para si um lugar específico entre os grupos de esquerda – e mais amplamente, entre os grupos considerados progressistas – na Argentina a partir dos anos 1980. Mas o seu lugar e os seus posicionamentos, se alcançaram êxito também atraíram diversas antipatias, afinal, o discurso de **Punto de Vista** a respeito dos intelectuais e/ou das culturas políticas na Argentina não foi hegemônico entre os agrupamentos, entre os coletivos, entre as revistas e entre os demais *loci* de produção de interpretações sobre o país.

A revista, como se intentou sucintamente explicitar nesse estudo, realizou em seus trinta anos uma relevante crítica das características da atuação dos intelectuais na Argentina desde o século XIX e mais especificamente no século XX e ofereceu reflexões, principalmente nos seus editoriais, acerca do que os intelectuais haviam ou não realizado e a respeito daquilo que, na compreensão da publicação, eles deveriam realizar, principalmente a partir da redemocratização. Por isso, o periódico se dedicou à problematização de três objetos considerados incontornáveis para a redefinição do lugar do intelectual argentino e de sua inserção pública desde o fim da ditadura: a autocrítica da esquerda, o debate sobre o peronismo e a questão democrática.

REFERÊNCIAS

ALTAMIRANO, Carlos (dir.). **Historia de los intelectuales en América Latina**. I. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Buenos Aires: Katz Editores, 2008.

BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecilia; ROLLEMBERG, Denise; KNAUSS, Paulo; BICALHO, Maria Fernanda Baptista; QUADRAT, Samantha Viz (orgs.). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 29-46.

BLACKBURN, Robin (org.). **Depois da queda** – O fracasso do comunismo e o futuro do socialismo. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

DE DIEGO, José Luis. **Campo intelectual y campo literario en la Argentina** (1970-1986). Tese (Doutorado em Letras) – Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Universidad Nacional de La Plata, La Plata, 2000.

_____. La transición democrática: intelectuales y escritores. In: CAMOU, Antonio. TORTTI, María Cristina; VIGUERA, Aníbal (coord.). **La Argentina democrática: los años y los libros**. Buenos Aires: Prometeo Libros; La Plata: Univ. Nacional de La Plata, 2007. p. 49-82.

_____. Los intelectuales y la izquierda en la Argentina (1955-1975). In: ALTAMIRANO, Carlos (dir.). **Historia de los intelectuales en América Latina**. II. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Buenos Aires: Katz Editores, 2010. p. 395-416.

DOSSE, François. **La marcha de las ideas**. Historia de los intelectuales, historia intelectual. Traducción de Rafael F. Tomáz. València: Publicacions de la Universitat de València, 2006.

PATIÑO, Roxana. **Culturas en transición: reforma ideológica, democratización y periodismo cultural en la Argentina de los ochenta**. Revista Interamericana de Bibliografía, v. XLVIII, 1998. Disponible em: http://www.educoas.org/portal/bdigital/contenido/rib/rib_1998-2/articulo12/index.aspx?culture=pt. Acesso em: 17 set. 2013.

_____. **Narrativas políticas e identidades intelectuales en Argentina (1990-2000)**. Latin American Studies Center (Working Paper), Maryland, 2003. Disponible em: <http://www.lasc.umd.edu/Publications/WorkingPapers/NewLASCSeries/LASC10.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2013.

PLOTKIN, Mariano; GONZÁLEZ LEANDRI, Ricardo. El regreso a la democracia y la consolidación de nuevas élites intelectuales. El caso de “Punto de Vista: Revista de Cultura”. Buenos Aires (1978-1985). In: _____ (editores). **Localismo y Globalización**. Aportes para una historia de los intelectuales en Iberoamérica. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas – Instituto de Historia, 2000, p. 217-240.

QUATTROCCHI-WOISSON, Diana. L’histoire des intellectuels en Argentine? Les difficultés d’une société périphérique. In: LEYMARIE, Michel; SIRINELLI, Jean-François (dirs.). **L’histoire des intellectuels aujourd’hui**. Paris: PUF, 2003. p. 91-106.

SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. **Uma revista da ditadura à democracia: cultura e política em Punto de Vista (1978-2008)**. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2016.

TORTTI, María Cristina. **El “viejo” Partido Socialista y los orígenes de la “nueva izquierda”**. Tese (Doutorado em História) – Universidad Nacional de La Plata (UNLP), La Plata, 2007.

_____. La nueva izquierda argentina. La cuestión del peronismo y el tema de la revolución. In: TORTTI, María Cristina; CHAMA, Mauricio; CELENTANO, Adrián (dir.). **La nueva izquierda argentina (1955-1976): socialismo, peronismo y revolución**. Rosario: Prohistoria Ediciones, 2014. p. 15-33.

FONTES

ALTAMIRANO, Carlos. Conversación con Javier Trímboli. In: TRÍMBOLI, Javier (org.). **La Izquierda en la Argentina**. Conversaciones Carlos Altamirano, Martín Caparrós, Horacio González, Eduardo Grüner, Emilio De Ipola, León Rozitchner, Beatriz Sarlo, Horacio Tarcus. Entrevistas de Javier Trímboli. Buenos Aires: Manantial, 1998. p. 13-41.

LOS LIBROS. Edición facsimilar. **Prólogo de Patricia Somoza y Elena Elvira Vinelli**. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2011. 4v.

PUNTO DE VISTA. REVISTA DE CULTURA. **Colección completa** (Números 1 a 90, 1978-2008). CD-Rom. Buenos Aires, 2009.